

**INSTRUÇÃO PRÁTICA**  
**SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS**  
**GRUPOS ESPÍRITAS**  
**ESPECIALMENTE NO CAMPO**

**Por M. C...**  
**Paris**

LIBRAIRIE SPIRITE, Rue de Lille, 7.

1869  
Direitos reservados

Titulo do original francês INSTRUCTION PRATIQUE sur l'Organization des Grupes Spirités –  
Spécialement dans les Campagnes, publicado em 1869.

Traduzido por Maria Leonor Loureiro para o GEAK – Grupo de Estudos Espíritas Allan Kardec

### **INTRODUÇÃO**

O Espiritismo acaba de entrar numa nova via devido à partida brusca de seu fundador na terra. Não podemos duvidar de que ele esteja destinado, sob a pressão das circunstâncias, a fazer rápidos progressos num futuro próximo, e que um período de ação deva suceder em breve ao período de estudo que atravessou inicialmente.

É no momento em que ele vai entrar em sua verdadeira via que importa prevenir nossos irmãos que permaneceram estranhos a ele até agora, contra os escolhos que não deixarão de encontrar em seu caminho, escolhos contra os quais mais de um naufragou entre aqueles que os precederam. Esses primeiros pioneiros do Espiritismo iluminaram o caminho, e por seu exemplo, pôde-se estudar as dificuldades principais que esperam os espíritas iniciantes, e fazer surgir desse estudo os conselhos mais apropriados para que eles consigam ultrapassá-las.

Estas dificuldades têm uma origem comum que é a imperfeição dos homens atualmente encarnados na Terra, imperfeição que o Espiritismo tem precisamente como missão fazer desaparecer. É preciso, portanto, contar com ela até o momento em que o estudo e a prática da nova doutrina tiverem dado aos homens a força de se desembaraçar dela e buscar, para os espíritas noviços, uma organização e regras de conduta capazes de preservá-los de sua própria fraqueza, se eles as compreenderem bem e consentirem em se submeter a elas.

Nós acreditamos que isso seja possível, e nos dedicamos a reunir neste pequeno volume todos os conselhos capazes de fazer compreender bem, a todos os que nos leiam, as causas do insucesso que tantos adeptos sinceros e bem intencionados não souberam evitar, e de lhes dar ao mesmo tempo os conhecimentos necessários para escapar ao perigo que os ameaça ou os ameaçará algum dia.

Temos a profunda convicção de que aqueles que façam inicialmente ato de humildade confiando nos bons Espíritos em vez de quererem avançar de cabeça erguida e com suas próprias forças rumo à conquista do desconhecido, serão muito recompensados pelos progressos rápidos que farão. Tirarão proveito, assim, sem grande dificuldade, de uma experiência que adquirimos penosamente, e nossa melhor recompensa será pensar que pudemos, em certa medida, fazê-los beneficiar-se de nossos trabalhos.

Eis agora alguns conselhos preliminares que, esperamos, serão úteis a nossos leitores.

Os Espíritos que são encarregados por Deus de dirigir o movimento espírita sabem fazer nascer em toda a parte as circunstâncias mais convenientes para chamar a atenção pública e dirigi-la para este lado. A curiosidade desperta, cada qual quer saber a que se ater sobre os fenômenos que lhe são relatados, e se informa junto a todas as pessoas que ele acredita serem

capazes de informá-lo. Importa que os espíritas saibam aproveitar o momento para ajudar na difusão da verdade.

Para isso, é necessário que eles se ponham, com uma complacência inesgotável, à disposição daqueles que desejam ardentemente se instruir, e que lhes indiquem as obras das quais eles poderão extrair os conhecimentos que lhes faltam. Mas não é menos importante manter uma justa medida, sem nunca se deixar levar por um zelo intempestivo; eles devem se lembrar de que só a convicção deve trazer adeptos ao Espiritismo; ora, a convicção quer ser livre e refletida. Ela não o seria, se exortações veementes viessem a pesar sobre a determinação de um homem ainda hesitante, e correr-se-ia assim o risco de fazer prosélitos pouco sérios com cuja perseverança não se poderia contar.

A única conduta a manter perante pessoas que parecem animadas pelo desejo mais ou menos sincero de conhecer o Espiritismo é convidá-las a ler as obras fundamentais ou seus resumos. Pode-se, previamente, dar-lhes algumas noções sobre os pontos principais da doutrina, e convidá-las a vir, depois de terem lido, buscar esclarecimentos mais amplos sobre o que lhes possa parecer obscuro. Todos aqueles que já tiverem o grau de adiantamento necessário serão espíritas depois de terem lido, no sentido de que sentirão uma tendência acentuada para aceitar todos os dados do Espiritismo como doutrina moral. É o ponto mais importante; quando lá chegarem, pouco importa que ainda duvidem um pouco da realidade das comunicações dos Espíritos e de suas diversas manifestações. Sua convicção virá com o tempo, e esses adeptos são preferíveis àqueles que acreditassem perfeitamente nas manifestações e não atribuíssem à parte moral toda a importância que ela merece. Estes últimos permanecerão viciosos, enquanto os outros se tornarão melhores pela força das coisas e sem se darem conta disso.

Eis o nosso resumo. Os espíritas isolados, colocados como referências no meio de seus irmãos, fariam uma coisa quase sempre inútil e às vezes perniciosa, procurando forçar as convicções. Sua ação deve se exercer somente quando algum fato chama a atenção geral para o Espiritismo. Então eles devem tomar a dianteira de modo a mostrar que são instruídos nessa ciência e que são capazes de satisfazer a curiosidade de todos. Feito isso, só têm que se recolher e esperar os visitantes. Todos aqueles sobre os quais sua ação poderá se exercer utilmente virão apresentar-se por si mesmos, e os espíritas só terão que lhes indicar as fontes que podem utilizar, após lhes terem dado uma noção preliminar do Espiritismo que os faça conhecê-lo no seu conjunto.

Agindo assim, ter-se-á menos dificuldade e mais sucesso. Estaremos muito enganados se, entre aqueles que tiverem sido informados como acabamos de dizer, um certo número não deseje, ao fim de algumas semanas, abordar a prática após a teoria e formar um grupo. É prevendo esse feliz resultado que formulamos as instruções seguintes. Temos a esperança de que elas sejam úteis aos numerosos neófitos que entrevemos, num futuro próximo, marchando em fileiras cerradas rumo à conquista do porvir.

## INSTRUÇÃO PRÁTICA SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS **GRUPOS ESPÍRITAS**

### SUMÁRIOS DAS MATÉRIAS CONTIDAS NA PRESENTE INSTRUÇÃO.

Do estado atual do Espiritismo no campo. – Previsões a respeito de sua próxima vulgarização entre as massas. – Dificuldades que esperam os grupos compostos em grande maioria de espíritas noviços, quando o grande movimento previsto se declarar. – Necessidade de alertar os novos adeptos contra os perigos que os ameaçarão, e que serão temíveis somente durante os primeiros tempos e até que a doutrina tenha produzido sobre eles seus efeitos habituais. – O que seria preciso para que todos os grupos funcionassem perfeitamente desde o

início. – O que se tem frequentemente em vez do que se deveria ter. – Busca das causas do mal. – Meios práticos de remediar a situação. – Organização que convém dar aos grupos para que as causas dissolventes tenham menos poder sobre eles. – Esta organização protegerá os primeiros adeptos contra as quedas até o momento em que o estudo do Espiritismo lhes tiver possibilitado dispensar ajuda de fora. – Conselhos sobre a condução das sessões. – Conclusão.

## I

Até agora o Espiritismo fez poucos prosélitos no campo. Apenas algumas localidades constituem exceção. Isso basta para demonstrar que os habitantes do campo, quaisquer que sejam sua profissão ou seu grau de instrução, não são mais refratários do que todos os outros aos ensinamentos permitidos agora por Deus para a regeneração e a felicidade da humanidade. Foram sobretudo as ocasiões que lhes faltaram. Mas eles estão evidentemente, como todos os nossos irmãos da presente geração, aptos a compreender esses ensinamentos. Não podemos duvidar de que, quando os acontecimentos lhes permitirem conhecer a nova doutrina, um grande número deles inicialmente, e a quase totalidade em seguida, estejam dispostos a dela se ocupar com ardor.

Ela responde bem demais às aspirações secretas do coração humano para não ser aceita facilmente pelas naturezas primitivas que se governam menos pelo raciocínio do que pelo sentimento. Compreende-se sem dificuldade que depois de terem visto a inutilidade de todas as tentativas feitas para dar a todos a felicidade material; depois de terem podido constatar por experiência própria que essa felicidade é uma quimera e um engodo, homens ignorantes, mas cujo bom senso ainda não foi pervertido por cobiças irrealizáveis, jogam-se nos braços do Espiritismo que lhes promete uma felicidade ao alcance de todos, porque ela está neles próprios.

A crença num Deus bom, justo e misericordioso é geral entre os habitantes do campo, e sobretudo entre aqueles que são infelizes. Eles compreenderão esta ideia simples e verdadeira, que Deus não pôde querer deserdar nenhum de seus filhos, e que se todos os homens, quase sem exceção, foram infelizes até aqui, só podem atribuir a culpa a si mesmos e às suas más paixões, que destruíram a obra divina. Eles reconhecerão esta verdade, que Deus pusera a felicidade ao alcance de todos, e que por diversas vezes ele lhes mostrou, pela revelação, o meio de obtê-la. Mas, em seu orgulho, os homens repeliram esse dom da Providência. Eles procuraram aperfeiçoar a obra divina, e, dominados por seu egoísmo, esforçaram-se por monopolizar a maior soma possível de felicidade em detrimento de seus irmãos, acreditando poder, à custa de iniquidades, acrescentar à sua parte legítima a parte de outrem. Todas estas ideias são simples e fáceis de entender, sobretudo para os deserdados pela fortuna. Os outros, os felizardos do momento, terão mais dificuldade para se persuadir de que um sistema que lhes parece, no que lhes diz respeito pessoalmente, coroado de sucesso, é ruim, mesmo para eles, e que seu verdadeiro interesse seria renunciar a ele. Mas não é destes últimos que nos ocupamos aqui, e Deus saberá, quando chegar a hora, trazer também a convicção a seu espírito predisposto.

Não podemos duvidar de que, num tempo próximo, o movimento espírita se acentue fortemente no campo. Até agora, como dissemos, ele não se difundiu aí a não ser excepcionalmente. Diversas causas se opuseram à sua vulgarização. Poremos em primeiro lugar a ignorância, que privou a maioria de conhecer o Espiritismo, mesmo de nome. Em segundo lugar, vem a oposição sistemática do clero de todas as antigas religiões, que, em vez de ver na nova revelação uma alavanca poderosa para combater as tendências materialistas de nossa época, só viu nela um perigo para sua própria influência, laboriosamente adquirida e penosamente defendida. Pela influência do clero, por suas ações subterrâneas, as tendências espíritas foram asfixiadas quando surgiram em muitas localidades. Em outras, a incredulidade e o materialismo fizeram recair o ridículo sobre os primeiros adeptos e obrigaram-nos a retrair-se, esperando tempos melhores. Pode-se, portanto, dizer que a ideia espírita se introduziu um

pouco em toda a parte, mas que está comprimida, porque a ignorância involuntária da maioria tornou essa compressão possível. Contudo não duvidamos de que, num momento dado, e com a ajuda de novas circunstâncias, ela chegue por sua vez à explosão, e que então, com alguns impulsos, reconquiste o tempo perdido.

A população do campo compõe-se na maioria de agricultores, e de operários de diversas profissões. Depois, em certas localidades onde a indústria se expandiu muito, a população operária industrial é majoritária, por sua vez. Tencionamos ocupar-nos particularmente aqui com esta importante fração de nossos concidadãos. Vejamos inicialmente se poderíamos empregar algum meio para acelerar entre eles a difusão do Espiritismo. Não podemos duvidar de que tudo o que pudermos fazer para atingir esse objetivo será um verdadeiro benefício para eles.

E primeiramente, será que devemos aconselhar aos espíritas esparsos nesse meio uma propaganda ativa? Não pensamos assim, por diversas razões. A humanidade é feita de tal modo que ela desconfia instintivamente de todos aqueles que tomam a iniciativa em face dela. Ela acredita que eles têm um interesse secreto em agir assim, e que procuram se elevar ou enriquecer às suas custas. Ela não acredita no desinteresse nem na abnegação, e desconfia de todos os que recomendam essas virtudes cristãs, porque desconfia que eles querem se livrar delas às custas dos que os escutam. Na maioria dos casos, o homem, mais esclarecido que seus vizinhos, que se pusesse resolutamente a fazer propaganda, só conseguiria atrair sobre si próprio uma atenção maldosa, que seria para ele um entrave sério quando surgissem circunstâncias mais propícias.

Acreditamos, portanto, que se obterão resultados melhores permanecendo na reserva, e sem ter muita pressa para satisfazer as primeiras curiosidades que se manifestarem. Em cada localidade, grupos de Espíritos estão especialmente encarregados de dirigir o movimento espírita. É a eles sobretudo que cabe a iniciativa. Os adeptos isolados deverão esforçar-se a fim de ser para eles instrumentos devotados, e não confundir o devotamento à doutrina com um zelo intempestivo. Em toda a parte os Espíritos saberão escolher o momento mais favorável para fazer nascer as circunstâncias que dirigirão a atenção pública para esse lado. Eles saberão estimular o zelo dos espíritas da localidade, se julgarem que chegou o momento da ação, e convidamos em geral estes últimos a seguir o impulso que receberão de seus guias. Não se esconder, mas não tomar a dianteira, parece-nos ser a melhor regra de conduta.

Agindo com esta prudência, é evidente que todo espírita sincero deve acolher com benevolência inesgotável todos os que desejam se instruir e que vêm lhe pedir algumas informações. Ele deve lhes indicar os livros a ler e emprestar-lhos se for preciso. Deve, além disso, lhes dar verbalmente todos os esclarecimentos desejáveis. Acrescentemos que ele deve ser o primeiro a pôr seus ensinamentos em prática e mostrar a todos que o Espiritismo é capaz de formar os homens para a prática da verdadeira caridade cristã. Que ele dê o exemplo, e os homens sinceros virão a ele. Isso é o que chamamos de propaganda ativa.

## II

Quais são, agora, os principais escolhos a evitar? Ei-los. É preciso evitar acima de tudo as discussões. Quando se acreditou dever fazer sua profissão de fé e se está perante homens dominados pelo espírito de contradição e que procuram lhe opor argumentos mais ou menos especiosos, é preciso simplesmente convidá-los a estudar seriamente a doutrina, dizendo-lhes que os espíritas compreendem mais do que ninguém a liberdade de consciência, e que, se a razão e a consciência deles os impelem para outra via, renunciar-se-ia por escrúpulo a desviá-los dela.

Há outra classe mais perigosa do que os contraditores obstinados. São os falsos irmãos, os traidores que se infiltram em toda a parte. Eles semeiam a discórdia e jamais contradizem abertamente, porque preferem agir na sombra. É preciso exercer a perspicácia para distingui-los e não lhes dar uma confiança da qual abusariam. Eles servem, como os Espíritos mentirosos,

para exercer nosso julgamento, e devemos nos aplicar para não sermos iludidos por eles, nem tampouco por estes últimos.

Eis tudo o que temos a dizer sobre a propaganda espírita. Vê-se que, segundo nossa maneira de ver, é aos Espíritos, sobretudo, que pretendemos deixar a iniciativa nesta matéria. Acreditamos que os espíritas devem sobretudo dedicar-se a ser para eles bons instrumentos, e estar prontos a dar-lhes uma ajuda enérgica assim que for exigido, nada mais. É a nossos olhos o meio mais simples e ao mesmo tempo mais rápido para atingir a finalidade que todos perseguimos, porque nos permitirá evitar as falsas manobras. Elas causam em geral mais mal do que bem, e nossos guias espirituais sabem bem evitar-nas, se nos pusermos simplesmente sob sua direção.

Não queremos dizer entretanto que é preciso abdicar entre as mãos deles do nosso livre arbítrio. Mas dizemos que é preciso adotar a linha de conduta que nos é indicada por suas instruções controladas com a ajuda de nossas próprias luzes e as de nossos amigos mais avançados do que nós, em vez de querer dar provas de um zelo intempestivo pretendendo obter por nossos esforços resultados prematuros.

Quando chegar o momento, quando tivermos à nossa volta alguns adeptos, é provável que o movimento espírita não tarde a se pronunciar na localidade com certa intensidade. Ele englobará primeiramente quase todos aqueles que têm boas disposições para compreender a doutrina, e fará um rápido progresso destinado em breve a se transformar e a desacelerar à medida que se dirigir a camadas mais refratárias da população.

Seja qual for esta previsão, chegará certamente um momento para cada localidade em que várias pessoas se ocuparão do Espiritismo com algum ardor. Logo que houver duas ou três se conhecendo o suficiente para não poderem duvidar de sua sinceridade respectiva, será urgente que elas constituam um grupo.

O grupo é abençoado por Deus, pois é a reunião de pessoas que muito frequentemente permaneceram estranhas umas às outras até o dia em que se reúnem em vista do bem e em nome de Jesus Cristo. Sua finalidade é seu próprio progresso moral e o de seus irmãos. Ademais, o grupo é a verdadeira escola onde se aprende a praticar a caridade cristã. Os Espíritos no espaço estão reunidos em grupos, eles próprios nos ensinaram isso, e a humanidade terrestre só chegará à perfeição relativa e em seguida à felicidade que lhe estão prometidas, quando tiver conseguido renunciar a seus antigos hábitos e substituir pela organização em grupos as complicações inextricáveis de sua organização antiquada. Eis para nós o futuro. Assim compreender-se-á facilmente a importância que atribuímos à constituição dos grupos sobre bases sensatas e racionais que assegurem seu bom funcionamento.

O grupo deve ser para todos um espécime do porvir. Deve ser um exemplo a seguir, e concebe-se que aqueles que, não compreendendo sua missão divina e movidos por vãs questões pessoais, não temem trazer a perturbação a um meio onde a abnegação de cada um em prol de todos deve ser o sentimento dominante, carregam sobre seus ombros uma terrível responsabilidade. Eles se ofereceram para cooperar na obra divina, e arriscam-se a entravá-la por sua conduta. Proclamaram que o Espiritismo era a única alavanca do progresso moral, e, em sua primeira aplicação, encontram meio de já dar provas de orgulho e de egoísmo. Eles acusam as antigas religiões, filhas do cristianismo, de serem impotentes para determinar os homens a praticar as máximas do Cristo, e fornecem a seus adversários um argumento precioso para retorquir seus próprios raciocínios e dar uma prova especiosa da igual impotência da nova doutrina.

Na verdade, os que agem assim não têm de espírita senão o nome. Somente seu espírito foi tocado, mas não seu coração, e pode-se afirmar que fazem à doutrina tanto mal quanto bem. *Um único adepto sincero, e colocando resolutamente em prática os ensinamentos dos Espíritos, fará mais para fazer compreender o verdadeiro alcance do Espiritismo, do que cem outros passando seu tempo em discussões ociosas e lutas de influência.*

Lutas de influência, acabamos de dizer. Como espíritas são capazes de se deixar arrastar a isso? Aqueles que a isso se entregam às vezes encarniçadamente, e que se intitulam

discípulos do Evangelho, será que esqueceram portanto o que o Mestre disse: Aquele que se abaixar será elevado, e aquele que se elevar será abaixado; querendo fazer compreender assim que o homem se eleva e cresce aos olhos de Deus pela humildade e a abnegação?

A humildade não tem nada de degradante. Ela é a qualidade oposta ao orgulho e não exclui a consciência de seu próprio valor; mas ela aniquila o espírito de dominação e o espírito exclusivo que nos impedem de reconhecer qualquer superioridade acima de nós próprios. *O orgulho e o egoísmo são os dois vícios capitais da humanidade terrestre atual. Todo aquele que conseguiu libertar-se deles terminou igualmente suas provações na terra, e pode então conseguir ir trabalhar para seu progresso num mundo melhor.* Sabemos, graças ao Espiritismo, que a terra chegou ao momento marcado nos decretos divinos e que ela vai por sua vez tornar-se um desses mundos mais felizes. Sabemos igualmente que o Espiritismo é a alavanca dessa transformação, e que os espíritas são os operários encarregados de prepará-la. O principal dever deles, seu meio de ação mais poderoso é mostrar aos olhos de todos o poder do Espiritismo sobre eles próprios. Pode-se dizer que essa é a chave de sua missão. Não se pode portanto espantar-se demais ao ver certo número dentre eles falhar com tanta facilidade. É preciso que a humanidade atual seja muito frágil e cega quanto a suas próprias imperfeições, para tirar tão pouco proveito das novas luzes que lhe são dispensadas com tanta prodigalidade.

Efetivamente, vede os espíritas que, sob a influência de suas antigas paixões as quais não souberam vencer, passam o tempo a ver em seus irmãos rivais e concorrentes. Seus guias lhes recomendam constantemente com autoridade a prática das virtudes cristãs. Eles lhes dão, incansavelmente, as instruções mais capazes de convencê-los das conseqüências deploráveis do orgulho, do egoísmo. Eles lhes recomendam em todos os tons a humildade, a abnegação, o amor por seus irmãos, o perdão das injúrias. Seus ditados são considerados muito belos, mas ninguém se beneficia deles. Cada um os aplica aos vizinhos, e isso dura assim até o momento em que, vendo a inutilidade de seus esforços, os bons Espíritos se retiram, deixando desse modo o campo livre aos Espíritos obsessores.

É profundamente lamentável ver homens, animados quase sempre por boas intenções, e culpados somente de fraqueza para consigo próprios, sofrerem assim, durante um tempo às vezes muito longo, a pena de suas imperfeições até o momento em que uma circunstância inesperada abre seus olhos para a luz. Então, levados de volta rapidamente à boa via por uma reação saudável, recuperam logo o tempo perdido. Mas o mal que seu exemplo pôde fazer a seus irmãos, pois afastou frequentemente mais de um do Espiritismo, subsiste e por culpa deles. Compreende-se portanto que o Juiz Supremo tenha o direito de lhes pedir contas severas de sua tarefa mal cumprida.

Desenvolvemos longamente as causas que entravam com excessiva frequência o andamento dos grupos iniciantes. Isso nos pareceu necessário, pois há aí um perigo real, ao qual só um pequeno número consegue escapar completamente, e acreditaríamos ter prestado um serviço notável a todos os espíritas noviços se tivéssemos conseguido prevenir a maioria contra um perigo que ameaça todos eles.

### III

Até aqui criticamos o que se fez um pouco em toda a parte. É a parte mais fácil de nossa tarefa. Mas seria pouco ter assinalado um mal que não é negado por ninguém, se não acreditássemos poder indicar o remédio.

Esforcemo-nos, pois, para encontrar para os espíritas iniciantes uma organização, um modo de funcionamento que possa ser para eles uma salvaguarda eficaz, um meio material, por assim dizer, de livrá-los da tentação de falhar, esperando que eles adquiram por seus novos estudos a força moral que ainda lhes falta no início.

Somos obrigados a contar, não o ignoramos, com as imperfeições de nossa raça. Ela não se tornará boa de um dia para o outro, e, apesar dos esforços dos espíritas iniciantes, apesar de sua boa vontade, precisarão sempre de certo tempo para poder tornar-se outro homem. Mais de

um mesmo entre eles não chegará lá em sua existência atual, e deverá, antes de atingir esse resultado, ir retemperar-se primeiro no mundo dos Espíritos.

Dissemos que escrevíamos sobretudo para os habitantes do campo. Aí encontramos novo obstáculo na insuficiência da instrução. Uma sociedade egoísta não achou de seu interesse fazer participar dos benefícios da educação homens devotados geralmente aos trabalhos manuais, e nisso ela deu provas ao mesmo tempo de egoísmo e de imprevidência. Mas enfim o mal está feito, e será preciso tempo e muito esforço para repará-lo. Também não devemos esperar que a geração que chegou hoje à idade adulta possa dispor de lazer suficiente para aprender o que não lhe foi mostrado na infância. Teremos, portanto, relações quase sempre com homens pouco instruídos e que as circunstâncias levarão a conhecer o Espiritismo, a praticá-lo, a freqüentar os grupos, antes de terem tido tempo de estudar seriamente a doutrina e de aprofundá-la em todas as suas partes. Estes estarão mais do que outros, concebe-se sem dificuldade, expostos a falhar, e, se outros mais avançados o fizeram, estes sucumbirão ainda muito mais facilmente. Há aí um perigo muito sério em nossa opinião, e vamos nos esforçar para encontrar combinações que possam diminuí-lo para aqueles de nossos concidadãos do campo que nos tomarem como guia.

Suponhamos que algumas pessoas, num município rural, depois de terem lido algumas das obras fundamentais do Espiritismo, tenham resolvido se reunir uma vez por semana para estudarem juntas a doutrina, para procurar ao mesmo tempo desenvolver a mediunidade, e também para formar o núcleo de um grupo destinado a servir de ponto de reunião para os novos adeptos que se poderão recrutar na localidade. Nós gostaríamos de ver fundarem-se muitas reuniões semelhantes. Nada é mais desejável para o futuro do Espiritismo, se se preencherem as condições necessárias para não fracassar desde o início.

O que seria preciso para que o novo grupo, ainda embrionário, funcionasse com sucesso? Pouca coisa e contudo muito. Seria preciso que as duas ou três pessoas que o compõem estivessem imbuídas umas para com as outras de verdadeiros sentimentos de caridade cristã. Seria preciso portanto que elas se amassem como irmãos e estivessem dispostas a realizar, em qualquer circunstância, ato de abnegação pessoal em relação a seus colegas. Seria preciso que elas tivessem a força de repelir todo sentimento de ciúme contra aquele que está mais avançado do que os outros moral ou intelectualmente, ou que faz progressos mais rápidos como médium, ou que é assistido por Espíritos mais elevados. Seria preciso que aquele que é assim favorecido tivesse a força de repelir todo sentimento de vaidade, e de compreender que os dons que ele recebe de Deus são provas que lhe impõem deveres rigorosos. Seria preciso enfim que seus colegas menos bem aquinhoados se regozijassem por ter entre eles um irmão amado pelos Espíritos, que poderá prestar melhores serviços ao grupo e à doutrina.

Eis o que seria preciso. Isto é elementar para qualquer um que estudou um pouco o Espiritismo e se edificou pela meditação sobre sua finalidade e seu alcance. Os Espíritos o repetem em todos os tons e incansavelmente em todos os grupos novos e mesmo nos antigos. Infelizmente, eles pregam com demasiada freqüência no deserto, porque cada um percebe perfeitamente um cisco no olho do vizinho mas não vê uma tranca no seu. Vejamos agora a contrapartida; vejamos como as coisas se passam com demasiada freqüência.

No primeiro momento, está tudo bem. Todos estão mais ou menos no mesmo ponto. Ainda se está no período do espanto e da admiração. Comunicam-se reciprocamente as reflexões. Ninguém pensa em si, cada um pensa unicamente nos novos conhecimentos que acaba de adquirir. Naturalmente cada um faz tentativas para se tornar médium. Um consegue, outro não. Primeiro tema de vaidade para um, de ciúme para o outro. É uma primeira prova que espera todos os espíritos, e, se eles a suportarem mal, embrenham-se na via fatal que talvez precisem percorrer inteira.

Com efeito, chegando alguns novos adeptos, logo se pensará em organizar o grupo. Será preciso um chefe de grupo e um secretário. O melhor médium, e ainda não, mas aquele que pensa ser o melhor, acreditará ter direito à supremacia. Ele terá um concorrente que não

quererá ceder de boa vontade, e será preciso que a maioria decida a questão. Aquele que for escolhido dispor-se-á a se mostrar bom príncipe e a dar provas de uma humildade verdadeira ou fingida. Mas não ocorrerá o mesmo com o candidato excluído. Este tenderá a mostrar que não se teve razão ao se privar de suas luzes para a direção dos trabalhos do grupo. Ele criticará os ditados dos outros médiuns, discutirá a propósito dos menores incidentes. Outros, arrastados pelo mau exemplo, quererão enfrentá-lo, e em breve a perturbação estará em campo. Os bons Espíritos, vendo sua impotência, retirar-se-ão, deixando aos outros, aos Espíritos de discórdia que se chamaram sem querer, o cuidado de ajudar os culpados a se punirem eles próprios. Então veem-se os grupos se dissolverem violentamente. Às vezes formam-se novos grupos com os primeiros elementos dispersados. Mas as divergências continuam e esses grupos rivais dão o espetáculo deplorável de espíritas se lançando reciprocamente o anátema, em nome de uma doutrina que tem a pretensão de tornar possível na terra a prática dos ensinamentos do Cristo.

Eis o que se vê com demasiada frequência e sobretudo nas pequenas localidades, onde as lutas pessoais são mais habituais e onde aliás os espíritas nem sempre podem escolher aqueles com os quais se reuniriam da melhor vontade. Compreende-se facilmente quanto semelhantes lutas são prejudiciais não só àqueles que as mantêm, mas ao próprio Espiritismo. O Espiritismo tem adversários interessados que não deixam escapar nenhuma ocasião de atacá-lo, e que provocam e exploram habilmente todas essas dissensões.

Tem-se que convir que os espíritas de que acabamos de falar lhes dão singularmente o flanco. Semelhante incidente, habilmente explorado, basta para retardar às vezes por vários anos a difusão do Espiritismo, não só na localidade onde ele ocorreu, mas ainda nas localidades circunvizinhas. É um grande mal, e, como dissemos, aqueles que são sua primeira causa não podem escapar a uma pesada responsabilidade.

Como fatos semelhantes são possíveis? Seríamos, portanto, obrigados a reconhecer que também o Espiritismo é impotente para melhorar os homens, visto que não lhes dá a força para romper com seus antigos hábitos? De modo nenhum; somente conceder-se-á que ele não pode de um dia para o outro determinar um homem a romper com os hábitos de toda a sua vida. É preciso tempo para tudo. É preciso especialmente muito tempo para que um homem, acostumado aos hábitos comuns de nossa sociedade viciosa, adquira a força necessária para poder refrear suas paixões e substituí-las pelas virtudes contrárias. Durante muito tempo, ele se deixa a cada instante arrastar por seu primeiro movimento, e só o remorso que lhe causa esta sucessão de quedas pode, se ele for sincero como nós supomos, modificar nele a impulsão instintiva, mantendo-o num temor contínuo de agir mal. Não é senão assim e pouco a pouco que o sentimento de caridade cristã chega a se manifestar primeiro, em vez de vir substituir depois, por reflexão e frequentemente quando é tarde demais, o sentimento de antagonismo.

Não há nada de espantoso em tudo isso. Sabemos, graças ao Espiritismo, que só os Espíritos imperfeitos se encarnam aqui embaixo, salvo alguns Espíritos avançados em missão que estão perdidos na multidão. Todos nós somos imperfeitos, de outro modo não estaríamos na terra, e não estamos aqui a não ser para nos aperfeiçoarmos. Até aqui trabalhamos no nosso avanço sem o sabermos. Hoje Deus permite que executemos este trabalho com conhecimento de causa. É uma nova alavanca que ele nos põe nas mãos para facilitar o cumprimento de nossa tarefa. Mas não nos basta possuir este utensílio para chegar repentinamente à perfeição. É preciso ainda aprender a usá-lo. Até lá expomo-nos a fazer como todos os operários que nos primeiros tempos se ferem frequentemente com os instrumentos cujo uso não lhes é familiar.

Já é muito para nós conhecermos o perigo que nos ameaça e saber que, se mais de um não o soube evitar, era por não ter estudado suficientemente a teoria antes de abordar a prática. Vejamos, portanto, o que eles poderiam ter feito para não sucumbir na prova, e em seguida pesquisaremos se não haveria alguns meios práticos, algum modo de organização que poderiam, na maioria dos casos, salvaguardar os iniciantes contra as quedas até o momento em que, suficientemente instruídos e preparados, eles teriam apenas que andar ousadamente numa via para eles doravante sem perigos.



Aprendiz não é mestre. Concebe-se sem dificuldade que aquele que toda a sua vida ouviu dizer: *Cada um por si*, e que se habituou a considerar esse preceito egoísta como a mais sábia regra de conduta, tenha dificuldade para se persuadir de que o preceito contrário: *Cada um por todos* é mais eficaz para dar ao homem a verdadeira felicidade, a única à qual lhe é permitido aspirar aqui embaixo. Assim, durante um tempo mais ou menos longo, ele admira a doutrina espírita sem a praticar. É apenas com o tempo, com a reflexão, meditando sobre os ensinamentos dos Espíritos, que ele chega à convicção de que a prática do Espiritismo é possível, e que desde esta vida e no meio de nossa sociedade corrompida, ela já dá a felicidade a todos aqueles que têm coragem para adotá-la como regra de conduta. Quando ele chegou aí, quando entendeu que a humildade, a abnegação, o desinteresse são para ele os únicos verdadeiros elementos da felicidade, pode frequentar os grupos sem ser um elemento de perturbação, pelo contrário. Num grupo composto unicamente de tais elementos, ninguém ambicionaria o primeiro lugar, e aquele que seus amigos designassem para preenchê-lo, consentiria somente por devotamento. Constantemente ele se apagaria atrás dos outros. Sua ausência de toda pretensão faria que ele não excitasse ciúme, e tal grupo seria o que todos deveriam ser, uma reunião de irmãos bem unidos.

#### IV

Mas aqui entramos num círculo vicioso, pois é muito difícil que o morador do campo adquira esta instrução prática, indispensável a nosso ver, em outro lugar senão nos grupos e frequentando-os. Ele não tem tempo para ler muito e meditar sobre o que leu, e se devesse esperar para já ser um bom espírita cristão antes de fazer parte de um grupo, é bem certo que ele jamais chegaria ao grau de avanço necessário. É aqui que vamos nos esforçar para conciliar tudo e nos organizar para poder, por meio de algumas precauções indispensáveis, admitir os neófitos nos nossos grupos, onde eles adquirirão a instrução que lhes falta sem serem para nós um estorvo.

Retomemos a hipótese que já estabelecemos e suponhamos que, num certo município rural, o Espiritismo faça sua primeira aparição. Começemos pelo caso menos favorável, aquele em que só há boa vontade e em que duas ou três pessoas, desejosas de se instruir, se reúnem para se ajudar mutuamente. Dissemos que a dificuldade surgia habitualmente quando a mediunidade começava a se desenvolver nos novos amigos de uma maneira mais ou menos desigual, e quando, apresentando-se novos adeptos, se reconhecia a necessidade de uma organização regular. É só nesse momento que os amores-próprios entram em jogo e as lutas de influência ameaçam destruir tudo. Será que aconselharemos aos nossos adeptos a abandonar tudo por despeito, até que tenham adquirido as qualidades necessárias para serem espíritas dignos? Não, seguramente, pois seria parar o movimento prestes a começar. Mas dedicar-nos-emos a não pedir a ninguém um sacrifício acima de suas forças, e procuraremos chegar assim ao momento em que, pelo progresso realizado quase inconscientemente por cada um, todo perigo sério estará afastado.

Aconselhamos nossos discípulos a tomarem por guia o encaminhamento seguinte desde o começo. Ele lhes parecerá talvez um pouco minucioso e não suficientemente justificado, enquanto forem apenas dois ou três. Parece-nos, entretanto, indispensável que eles se submetam a ele desde o princípio, porque, mais tarde, quando sentissem a necessidade de uma organização regular, poderiam dificilmente estabelecê-la sem ferir algumas susceptibilidades. Já não haveria tempo de prevenir o mal. Só restaria combatê-lo, e é uma luta na qual os mais bem intencionados podem às vezes sucumbir.

Aconselhamos, portanto, aos nossos espíritas iniciantes, mesmo que sejam dois, a redigir desde o início o regulamento do grupo que aspiram a fundar, e, não só a redigi-lo, mas a observá-lo em suas reuniões. Isto lhes parecerá pueril, entretanto acreditamos que é o único meio de obter um encaminhamento regular que, se for hábito dos fundadores desde a origem, impor-se-á naturalmente aos últimos a chegar. De outro modo, quem determinará o momento

preciso em que um regulamento será indispensável? Será quando o grupo for composto de quatro, de seis, de oito pessoas ou mais? Quem se encarregará de decidir? Quase sempre, a necessidade de um regulamento só se faria sentir quando os primeiros desacordos, as primeiras desavenças ocorressem. Então seria tarde demais. Não se poderia chegar a um acordo nem sobre a redação do regulamento, nem sobre a direção do grupo. A discórdia estaria em campo e produziria todos os efeitos desastrosos que já apresentamos.

Em vez disso, que um primeiro grupo de duas pessoas comece a funcionar regularmente com um regulamento redigido com vistas ao futuro e a um importante crescimento indubitável; desde então, todos os casos estarão previstos de maneira a não ferir tanto quanto possível todas as susceptibilidades, esperando que o progresso moral as suprima. Os novos adeptos que se apresentarem terão seu lugar marcado de antemão. Eles não poderão trazer a perturbação aonde reinava a concórdia, e se tentarem, haverá meio de eliminá-los. Cada um, depois de ter cumprido suas provas, chegará ao mesmo nível dos antigos, e então terá adquirido a experiência necessária para ser um colega útil e nunca um empecilho. Enfim, os próprios fundadores terão previsto e regulamentado de antemão todas as questões que só seriam irritantes mais tarde, e dessa forma terão prevenido, no que toca a sua posição respectiva, tudo ou quase tudo que pudesse dividi-los.

Vê-se pelo que precede que confiamos no poder de um regulamento bem feito e aplicado rigorosamente desde o princípio. Esperamos que ninguém ache estranha esta maneira de proceder, desde que lhe tiver sido mostrado que perigos ela tem por objeto evitar. Temos confiança de que isso acontecerá tanto mais seguramente quanto o regulamento, em nossa opinião, não deve dar a uns o meio de exercer sobre os outros uma supremacia constrangedora, mas pelo contrário, tem como finalidade, estabelecendo de antemão a posição de cada um, permitir que a benevolência, a abnegação, a caridade cristã se exerçam livremente e sem dissimulação entre todos.

Ocupemo-nos agora com as prescrições principais de nosso regulamento, as que consideramos fundamentais e únicas capazes de nos fazer atingir nosso objetivo. As outras, secundárias, poderão ser redigidas segundo as necessidades particulares de cada grupo.

A primeira condição a preencher é evitar que novos adeptos possam trazer a perturbação a um meio onde, sem eles, reinaria a concórdia. Daí resulta a conveniência de instituir várias classes de membros. Admitimos três classes, os membros fundadores, os membros titulares e os simples ouvintes. Estas três classes formarão três graus que será necessário percorrer sucessivamente. Ninguém será dispensado dessa necessidade, exceto os fundadores primitivos do grupo. Estes últimos, em pequeno número certamente, não se terão reunido levemente e sem que existissem entre eles sérios sentimentos de simpatia. Esforçar-nos-emos, aliás, para prevenir, entre eles também, toda causa de má vontade que pudesse advir ulteriormente.

Limitaremos o número dos membros fundadores a cinco para um grupo composto de vinte membros e mais. Os grupos mais numerosos sairiam de nosso âmbito, e, aliás, não os aconselhamos. Logo que o número vinte é atingido, somos de opinião que um enxame deve se destacar da colmeia matriz e fundar por sua vez outro grupo, e assim por diante. Doze ou quinze pessoas por grupo, todos incluídos, parece-nos o número mais conveniente.

Teremos, portanto, cinco membros fundadores. Este número, se não for atingido desde o início, ou se ficar incompleto mais tarde, devido a falecimento, demissão ou de outro modo, será completado por novos membros escolhidos pelos fundadores restantes, entre os titulares possuindo dois anos de grau. A nomeação ocorrerá por unanimidade.

Os membros fundadores formarão um comitê diretor, que se reunirá quinze minutos antes de cada sessão. Só eles terão voto deliberativo para tudo o que se referir à administração do grupo, e principalmente sua existência. Só eles poderão, e sem ter que prestar contas a ninguém, pronunciar sua dissolução, ou a suspensão de suas sessões durante um tempo mais ou menos longo.

Os membros titulares serão em número ilimitado, salvo o mérito de nossa observação precedente sobre a importância numérica do próprio grupo. Eles deverão, antes da admissão,

ter seguido durante um ano com assiduidade os trabalhos do grupo como ouvintes. Serão nomeados titulares a seu pedido e sob proposta do comitê diretor, pela maioria dos outros membros titulares. Uma vez admitidos, poderão tomar parte em todos os trabalhos do grupo, mas sem nunca se imiscuir em sua administração, reservada exclusivamente ao comitê diretor.

Os simples ouvintes terão direito de assistir às sessões do grupo, mas sem participar dos trabalhos. Serão apresentados por dois fundadores, e admitidos inicialmente por uma única sessão. Esta admissão como ouvinte será, se for o caso, renovada para cada sessão, durante um mês; depois disso, o comitê poderá, se assim julgar conveniente, conceder autorização para assistir às sessões durante o resto do ano. Uma vez admitidos por um ano, os ouvintes que já tiverem desenvolvido a mediunidade em certa medida poderão ser autorizados pelo comitê a escrever como médiuns durante a sessão.

Eis como compreendemos a constituição dos grupos. Achar-se-á sem dúvida que somos muito rigorosos, e que semelhante regulamento é pouco aplicável numa pequena localidade, entre pessoas que se conhecem de longa data e que formam, aliás, um grupo tão pequeno. A isso, respondemos que, se todos os que têm a sincera intenção de se dedicar seriamente ao Espiritismo fossem desde o começo sólidos espíritas cristãos, não teríamos necessidade de lhes traçar regras mais ou menos severas, pois seu sucesso estaria assegurado de antemão. Mas não é assim. O Espiritismo, ao contrário, tem por objeto tomar homens imperfeitos, como há tantos na nossa terra, e fazer deles bons cristãos. Antes que atinjam este resultado, têm que atravessar um período de provas durante o qual suas antigas paixões se revoltam e fazem poderosos esforços para manter seu império. Sabemos, por experiência, que este período é perigoso e que as quedas são frequentes. Os meios empregados até aqui foram, portanto, insuficientes. Os organizadores dos grupos contaram demais com as qualidades morais, que eram sinceramente desejadas, mas ainda não efetivamente adquiridas, e o insucesso puniu-os pela sua excessiva confiança. Quanto a nós, acreditamos poder chegar melhor ao objetivo levando em conta as imperfeições nativas da raça humana. Confiamos em que aqueles de nossos concidadãos que nos tomarem por guia, obterão, em troca de algumas regras pouco incômodas na aplicação, uma vez que tiverem adquirido o hábito de se submeter a elas, a felicidade de evitar as tentativas e os insucessos de que foram seguidos os esforços de tantos de seus predecessores, sem que nenhuma censura verdadeiramente grave possa ser formulada contra eles.

Anunciamos que preveniríamos os fundadores dos grupos contra os escolhos nos quais seus esforços se vieram quebrar muitas vezes. Dissemos que a mediunidade, desigualmente desenvolvida entre eles, era frequentemente uma primeira causa de ciúme. Depois, quando se trata de organizar o grupo e de lhe escolher um chefe, o orgulho encerra o que o ciúme começou, e a discórdia começa sua obra funesta. Não podemos impedir que um dos membros fundadores seja melhor médium que seus confrades ou que seja assistido por Espíritos melhores. Deste ponto de vista, só podemos recomendar a abnegação, e os guias do grupo aproveitarão todas as ocasiões para fazê-lo eles próprios com autoridade. Felizes aqueles que seguirem seus conselhos! Mas podemos ao menos evitar aos fundadores estas lutas de influência, sem as quais o ciúme permaneceria oculto e acabaria talvez por se extinguir com o tempo, pelo progresso moral daqueles que ele atinge. Eis nossa combinação:

Creemos necessário que esteja decidido, em princípio, e escrito no regulamento, que cada um dos membros fundadores será, cada um por sua vez, durante um mês, chefe de grupo e presidente do comitê diretor, quer seja médium ou não. Desta forma, os fundadores estarão todos na mesma linha, e seus direitos serão iguais. Será afastada toda causa de ambição, e ninguém poderá aspirar a uma preponderância que seus colegas talvez não estivessem dispostos a conceder-lhe.

Resta-nos traçar algumas regras para o encaminhamento das sessões. Elas também serão úteis, esperamos, para evitar que o amor-próprio, tão fácil de magoar, tome parte e introduza a discórdia onde o único sentimento deve ser a fraternidade.

Quais deverão ser os trabalhos fundamentais de cada sessão? Aqui estão, de acordo conosco:

Primeiro, o chefe de grupo de serviço lerá uma oração comum, como de hábito. Em seguida, reler-se-ão os ditados da sessão anterior. Depois, far-se-á a leitura das comunicações estrangeiras, das cartas, dos artigos de jornais, etc., que poderiam interessar às pessoas presentes, e instruí-las sobre tudo o que diz respeito ao Espiritismo. O chefe de grupo será o único juiz dos documentos que deverão ser lidos. Em seguida, ler-se-á um ou vários capítulos, segundo o tempo de que se poderá dispor, das obras fundamentais do Espiritismo, ou, quando estas últimas forem familiares aos assistentes, ler-se-ão alguns livros bem feitos sobre a mesma matéria. Um grupo, composto de dez ou doze pessoas, poderá quase sempre, sem se impor pesados encargos, ter sua pequena biblioteca espírita, na qual cada um se proverá por sua vez. Contribuições voluntárias fornecerão os meios para tanto. Após a leitura, far-se-á a evocação; os médiuns presentes à sessão escreverão, depois lerão o que tiverem obtido. Em seguida, far-se-á uma oração comum pelos Espíritos sofredores em geral, e, se conveniente, por alguns doentes ou algum obsidiado, ou por um colega recentemente partido para o mundo dos Espíritos. Por fim, o chefe de grupo lerá a oração final e encerrará a sessão.

Expusemos apenas o que se faz mais ou menos em toda a parte. Entretanto, alguns acharão que deixamos uma lacuna que merece ser preenchida. Não falamos da discussão que deve seguir a leitura das comunicações ou de outros documentos quaisquer, para eliminar tudo o que não seja conforme os verdadeiros princípios, a razão, a lógica ou para fazer sobressair, ao contrário, todas as belezas escondidas. Nada é mais útil, dir-se-á, para fazer progredir rapidamente os espíritas iniciantes. E, aliás, isso está de acordo com os princípios mais elementares do Espiritismo, que querem que se julgue severamente tudo o que vem dos Espíritos, e que se aceite somente o que a razão, a consciência, os conhecimentos adquiridos permitem aprovar.

Tudo isto está, efetivamente, de acordo com os princípios, contudo, foi intencionalmente que nada dissemos sobre a discussão durante as sessões. Com efeito, Esopo disse e provou que a língua era ao mesmo tempo a melhor e a pior coisa do mundo, e que ela podia fazer o mal como o bem. É portanto com razão que desconfiamos dela. A discussão é sem dúvida excelente, mas com a condição de ocorrer entre pessoas já suficientemente esclarecidas e instruídas a respeito do que falam, e com a condição, sobretudo, de ser sempre cortês e de nunca sair das regras da mais severa urbanidade. É suficiente dizer que ela convém acima de tudo a espíritas avançados, já capazes de abnegação, de modéstia, de humildade; capazes, numa palavra, de exercer a caridade cristã. A estes, a discussão prestará grandes serviços, porque cada um não terá outra finalidade a não ser contribuir, na medida de suas forças e em vista do bem geral, para a descoberta da verdade.

Mas será que os espíritas iniciantes de que nos ocupamos aqui estão neste caso, e a discussão teria para sua instrução notáveis vantagens? Não pensamos assim, e acreditaríamos ter prestado ao Espiritismo em geral, e ao maior número de seus discípulos, um serviço notável, se conseguíssemos fazê-los compartilhar nossa maneira de ver.

Dissemos que nos dirigíamos sobretudo aqui aos espíritas noviços, e particularmente aos que moram no campo. Estes são, na maior parte, pessoas dedicadas ao trabalho manual, tendo recebido na infância uma instrução elementar, em parte esquecida por falta de lazer suficiente para cultivá-la, e que, além disso, quando se deixarem levar por sua vez pelo grande movimento espírita, não terão muito tempo para consagrar a este novo estudo, fora das horas que passarão no grupo ao qual pertencerão. Será portanto apenas a longo prazo, e pouco a pouco, que o Espiritismo operará a transformação destas pessoas, e precisarão de muito tempo para chegar a conhecer bem a doutrina e a aprofundá-la, pela reflexão, nas suas partes mais essenciais.

Querer introduzir já de início a discussão nos grupos assim dispostos é ir ao encontro do insucesso e chamar os Espíritos de discórdia.

Com efeito, suponhamos, por um instante, um grupo composto de dez pessoas, cuja metade pelo menos é de neófitos desejosos de se instruir, mas não tendo ainda nem conhecimentos adquiridos, nem convicções bem estabelecidas. Como estas pessoas, por mais bem intencionadas que as suponhamos, poderão tirar proveito de uma discussão? Como poderão elas discernir distinções frequentemente sutis e pouco claras às vezes mesmo para os que as fazem? Como estes novos espíritas tomarão partido com conhecimento de causa por uma ou outra das opiniões emitidas? Isto não trará primeiro a perturbação e a hesitação ao seu espírito? Eles não se assustarão um pouco com esta ciência nova, tão difícil de adquirir e praticar? O que acontecerá portanto se eles virem estas discussões degenerar em querelas, em lutas de influência? Que ideia este espetáculo dará do Espiritismo a corações simples e retos, acostumados a julgar segundo o sentimento instintivo e não segundo raciocínios mais ou menos sutis?

Parece-nos que não precisamos insistir para que cada qual fique convencido conosco de deixar a discussão para os grupos constituídos em vista do estudo aprofundado do Espiritismo e de todas as questões que este estudo faz nascer. Mas, quanto aos grupos cuja próxima constituição desejamos e esperamos nos municípios rurais, não se deve fazê-los desviar da única direção que os pode levar a atingir seu objetivo. Este objetivo é a melhoria, a transformação moral do gênero humano. Para lá chegar, não é preciso discussões sutis. Basta o estudo dos pontos já irrevogavelmente estabelecidos da doutrina espírita, pontos consignados nas obras fundamentais e sobre os quais não há o que discutir, e instruções morais, sempre apropriadas às necessidades, que serão dadas a cada grupo por seus Espíritos protetores. Isto basta para atingir o objetivo grandioso do Espiritismo.

Que o bom senso dos moradores do campo, geralmente tão reto e tão firme quando eles não se deixam dominar pelas paixões, se aplique a compreender as coisas que não estão sujeitas a contestação e que são a verdadeira pedra angular do edifício, e encontrarão aí alimento suficiente para suas meditações. Jesus Cristo dirigia-se de preferência aos corações simples e fazia-os compreender facilmente sua admirável doutrina porque nada no seu ensino velava os preceitos fundamentais desta. Este ensino fez maravilhas numa época em que a humanidade, em seu conjunto, estava bem menos avançada do que em nossos dias.

Os Espíritas fazem hoje em toda a parte o que seu mestre fez há dezoito séculos num lugarzinho da Judéia, e eles saberão por si mesmos dar aos novos discípulos da verdade o que convém a cada um deles.

Mas, dir-se-á, vocês reconhecem como todo mundo que só a apreciação dos homens pode fazer distinguir as boas comunicações das más, e aquilo que vem dos Espíritos do bem do que vem dos Espíritos enganadores que, por sua vez, também procuram instruir os encarnados, mas sem ter a missão de fazê-lo. Como, portanto, podem pretender proibir a discussão na maioria dos grupos? Vocês querem então deixar seus discípulos entregues sem defesa a todas as sugestões dos Espíritos inferiores?

De maneira nenhuma. O chefe de grupo deve estar vigilante, e se alguma comunicação parecer provir de uma fonte duvidosa, ele não deve temer assinalar o fato simplesmente, em algumas palavras, deixando ao bom senso de cada um o cuidado de fazer justiça ao que não parecer conforme os verdadeiros princípios. Ele assinalará igualmente os pontos obscuros, aqueles que, ainda não suficientemente elucidados, representam apenas a opinião pessoal e às vezes isolada do Espírito que os alegou. Agindo com prudência, ele poderá sempre fazer estas observações sem ferir o médium. Se porém este último se irritasse com as críticas que, em nenhum caso, se dirigem a ele, ele provaria só por isto que está mal assistido e que as críticas são fundadas.

De resto, na maioria dos casos, o chefe de grupo poderá sem inconveniente grave deixar cada um dos assistentes fazer individualmente sua apreciação dos ditados obtidos e separar o joio do trigo. Ele deverá frequentemente lhes lembrar que é preciso sempre se entregar a este

trabalho com suas próprias luzes, pedindo a Deus a perspicácia necessária e que, seja qual for o nome imponente pelo qual uma comunicação é às vezes assinada, não se deve nunca julgá-la pela etiqueta do saco, mas sempre verificar a mercadoria. Não devemos temer que os moradores do campo, uma vez avisados, estejam dispostos a aceitar tudo com uma confiança exagerada. Se carecem às vezes de instrução, não por sua culpa, reconhece-se que eles dispõem geralmente de uma finura e de um bom senso capazes de protegê-los de todos os perigos.

Resumimos assim como se segue este ponto importante a nosso ver. Em princípio, nada de discussões em nossos grupos, mas alguns avisos de vez em quando, para que cada um fique alerta e exerça seu julgamento. Toda comunicação que fortalece a prática do bem, a abnegação pessoal, o amor ao próximo, é boa. Toda comunicação que faz nascer sentimentos contrários é má. Todo Espírito que aconselha o perdão das injúrias e o devotamento de cada um a todos é bom.

Todo Espírito, ao contrário, que excita a vingança, a violência, a divisão, é mau. Com estes simples dados por guia, cada um terá certeza, se estiver de boa fé e procurar sem paixão a verdade, de nunca ser gravemente induzido ao erro.

Em certos casos, o chefe de grupo não poderá se dispensar de assinalar as más comunicações. Mas deverá fazê-lo com extrema prudência, de maneira que, se algumas susceptibilidades se irritarem, ele não tenha aos olhos de sua consciência nenhuma censura a fazer-se.

O que seria muito mais útil aos grupos do que discussões ociosas, seria de vez em quando a presença entre eles de alguma notabilidade espírita. Um espírita esclarecido, de uma cidade ou localidade vizinha, podendo, por sua posição e suas luzes, exercer certo ascendente sobre os grupos formados por pessoas menos avançadas, sobretudo no campo, poderia ir às vezes, como visitante, a esses grupos, onde seria sempre bem recebido; ele daria aí instruções orais para desenvolver os pontos da doutrina que lhe parecessem precisar disso segundo as circunstâncias. Às vezes um bom médium experiente poderia receber aí comunicações de ordem mais elevada e de forma mais correta. Seria um estímulo e um incentivo para os membros do grupo assim favorecido e não podemos duvidar de que haja bastante gente devotada entre os espíritas para que seus irmãos ainda noviços não corram o risco de ficar pelo caminho por falta de assistência em tempo útil.

## VI

Terminemos por algumas considerações gerais.

Cada um aqui em baixo tem que suportar sua provação. Acrescentaremos que cada um tem sua tarefa a cumprir e isso é assim, sobretudo para os espíritas. A missão destes últimos é múltipla. Uns devem se dedicar ao estudo aprofundado do Espiritismo e de todas as conseqüências que daí decorrem do ponto de vista das ciências humanas; os outros devem se dedicar ao alívio de seus irmãos atingidos pela doença, por meio dos recursos infinitos que esta doutrina bendita por Deus trouxe à luz; outros enfim devem se consagrar a uma obra aparentemente mais modesta, que é a vulgarização do Espiritismo entre as massas populares. Cada um, não podemos duvidar disso, será empregado no trabalho que sua aptidão lhe permitir realizar melhor. Mas não é pela natureza do trabalho que Deus medirá o mérito, será unicamente pela grandeza do devotamento, e aquele que tiver consagrado obscuramente sua vida a difundir, entre os pobres moradores do campo, os preceitos de uma doutrina capaz de regenerar a humanidade e de conduzi-la pela prática do bem à única verdadeira felicidade que lhe é permitida provar na terra, será mais aclamado ao voltar, após terminar sua provação, para o meio dos seus irmãos do espaço, do que aquele que, talvez com menos abnegação, tiver feito alguma brilhante conquista para a ciência humana. Esperamos que em breve o movimento espírita alcance seu verdadeiro desenvolvimento e que então nenhuma localidade, por menor que seja, fique excluída da nova luz. Mais de um espírita, isolado até então, dedicar-se-á a isso

na medida de suas forças. Nosso mais vivo desejo é fazer beneficiar todos os nossos irmãos de nossa experiência adquirida. É por isso que escrevemos este opúsculo e ficaríamos felizes de pensar que, pelos conselhos sem pretensão que antecedem, pudemos evitar a alguns deles a necessidade de adquirir, com muito tempo e insucessos, uma experiência penosa.

-----

Julgamos útil submeter a nossos leitores um modelo completo de regulamento.

Eles permanecem perfeitamente livres para formular seu regulamento à sua maneira. Mas pensamos que era o melhor meio de fixar as ideias e de fazer compreender bem a organização que temos em vista. Isto facilitará o trabalho dos fundadores de grupos e esperamos que a maioria fique reconhecida por lhe termos preparado um quadro suficientemente geral para que tenham que completá-lo com apenas alguns acréscimos, se o adotarem, podendo todo o seu trabalho, na maioria dos casos, se limitar a simplificá-lo e a suprimir o que lhes parecer inútil e não apropriado às necessidades e circunstâncias particulares de cada localidade.

### MODELO DE REGULAMENTO

Art. 1. – É fundado em ..... um grupo espírita. Seus membros têm como finalidade o estudo sério da ciência espírita e das consequências morais que decorrem do Espiritismo, para o bem da humanidade.

Art. 2. – Este grupo compreende três classes de membros: os membros fundadores, em número de cinco; os membros titulares, em número ilimitado, e os neófitos ou simples ouvintes.

Art. 3. – Os Srs. .... são os primeiros fundadores do grupo.

*No caso em que o número de cinco não seja atingido desde o princípio, os primeiros fundadores completá-lo-ão o mais cedo possível, colocando em sua escolha toda a prudência e o discernimento necessários. Isso será melhor do que ficar em número arbitrário durante três anos, o que ocorreria necessariamente caso se quisesse seguir desde logo o andamento indicado pelos art. 6 e 7 adiante. Se o número cinco não for alcançado na origem, acrescentar-se-á a frase seguinte à que forma o art.3:*

Eles completarão, o mais cedo possível, o número regulamentar de cinco, por uma escolha de um ou vários colegas feito por eles por unanimidade.

Art. 4. – Os membros fundadores formam o comitê diretor do grupo. Eles se reunirão quinze minutos antes de cada sessão, para deliberar. Serão juizes soberanos de tudo o que se referir à existência do grupo e ao andamento que lhe será impresso. Poderão, sem ter de prestar contas a ninguém, dissolvê-lo ou suspender suas sessões durante um tempo mais ou menos longo.

Art. 5. – Cada um dos fundadores preencherá as funções de chefe de grupo e de presidente do comitê, por sua vez e seguindo a ordem alfabética. Entretanto um deles poderia exercê-las durante vários meses consecutivos, por delegação mensal de seus colegas, se estes últimos sentissem a necessidade de beneficiar-se, durante algum tempo, de sua maior experiência e de seus conhecimentos mais aprofundados como espírita.

Art. 6. – Os membros fundadores recrutar-se-ão, em caso de demissão ou de falecimento, entre os membros titulares tendo pelo menos dois anos de grau. Eles serão escolhidos pelos fundadores restantes, por unanimidade.

Art. 7. – Os membros titulares deverão ter seguido durante um ano, com assiduidade, os trabalhos do grupo como ouvintes. Eles serão nomeados titulares, a seu pedido e por proposta do comitê diretor, pela maioria dos outros membros titulares. Uma vez admitidos, poderão tomar parte em todos os trabalhos do grupo, mas sem nunca se imiscuir em sua administração, reservada exclusivamente ao comitê diretor. Eles serão em número ilimitado.

Art. 8. – Para se tornar membro titular, é preciso enviar ao comitê diretor, composto pelos fundadores, um pedido por escrito, contendo:

1<sup>o</sup> Adesão aos princípios da doutrina espírita, tal como são formulados nas obras fundamentais do Sr. Allan Kardec, e notadamente na edição mais recente do *Livro dos Espíritos*;

2<sup>o</sup> Compromisso de observar com pontualidade todas as prescrições do presente regulamento, especialmente o que se refere ao conteúdo das sessões. Para facilitar ao novo titular a execução deste compromisso, o regulamento lhe será comunicado, a fim de que ele possa tirar uma cópia.

Art. 9. – Para assistir como simples ouvinte às sessões do grupo, é preciso ser apresentado por dois dos fundadores e admitido pela maioria do comitê. Em caso de divisão, o voto do presidente é preponderante. Esta admissão, como ouvinte, poderá ser renovada, se for o caso, para cada sessão, durante um mês; depois disso, o comitê, se julgar conveniente, concederá a autorização para assistir às sessões durante o resto do ano. Uma vez admitidos por um ano, os ouvintes que já tiverem desenvolvido a mediunidade em certa medida, poderão ser autorizados pelo comitê a escrever como médiuns durante as sessões.

Art. 10. – Os ouvintes não têm o direito de tomar parte nos trabalhos do grupo. Eles assistem às sessões como simples espectadores. Deverão comprometer-se a se conformar a todas as disposições do regulamento que tiverem por objeto a boa ordem e o bom andamento das sessões, notadamente as dos art. 12, 13 e 14 a seguir.

Art. 11. – Os fundadores, antes de apresentar um aspirante ouvinte a seus colegas, deverão assegurar-se de que ele possui um conhecimento prévio da doutrina, suficiente para seguir os trabalhos espíritas com proveito, que ele simpatiza com os princípios do Espiritismo e que está animado por um sincero desejo de se instruir.

Art. 12. – As sessões ocorrerão na/no ..... de cada semana, às ..... horas.

As regras seguintes deverão ser rigorosamente observadas. Os membros fundadores deverão se sujeitar a elas constantemente, a fim de dar a todos os seus colegas o exemplo da submissão ao regulamento.

1<sup>o</sup> O membro fundador que desempenhar as funções de chefe de grupo, depois de ter aberto a sessão, lerá uma oração comum como habitualmente. Em seguida ler-se-ão os ditados da sessão anterior. Depois far-se-á a leitura das comunicações estrangeiras, das cartas, dos artigos de jornais, etc., que possam interessar às pessoas presentes e instruí-las sobre tudo o que se refere ao Espiritismo. O chefe de grupo será o único juiz dos documentos que deverão ser lidos.

2<sup>o</sup> Depois desta leitura far-se-á outra que será uma leitura de estudo. Ela terá por objeto fazer conhecer aos assistentes as obras fundamentais que tratam do Espiritismo ou outros livros bem feitos tratando da mesma matéria.

3<sup>o</sup> Em seguida far-se-á a evocação dos Espíritos, os médiuns presentes à sessão escreverão e farão a leitura das comunicações que tiverem obtido.

4<sup>o</sup> Terminar-se-á com uma oração comum pelos Espíritos sofredores em geral, e por alguns em particular se for o caso, pelos obcecados e pelos doentes da localidade, e pelos colegas ou amigos partidos recentemente para o mundo dos Espíritos. Enfim o chefe de grupo de serviço lerá a oração final e encerrará a sessão.

5<sup>o</sup> Os membros fundadores permanecerão alguns instantes reunidos depois da sessão para comunicarem uns aos outros suas impressões, e decidir as medidas a tomar no interesse dos estudos do grupo e em vista do sucesso de sua tarefa.

Art. 13. – Enquanto os médiuns escreverem, o recolhimento e o silêncio deverão ser escrupulosamente observados.

Art. 14. – Durante toda a duração das sessões, o silêncio e o recolhimento prescritos pelo artigo precedente deverão ser igualmente observados por todos os que assistirem às reuniões por qualquer razão. Isso é necessário para que o concerto das vontades, a comunhão de pensamentos que são os únicos a ter o poder de atrair bons Espíritos e manter os outros à



distância, não sejam perturbados de maneira prejudicial aos trabalhos do grupo e ao progresso de seus membros.

A benevolência recíproca, a abnegação pessoal, a forte vontade de tirar proveito seriamente das instruções recebidas são igualmente meios preciosos de assegurar a uma reunião uma boa assistência espiritual.

*Em todo grupo, será bom que haja um secretário escolhido ou entre os fundadores, ou entre os titulares. Poder-se-á adotar a redação seguinte ou qualquer outra análise, segundo as circunstâncias e os elementos de que se dispuser.*

Art. 15. – O Senhor ..... é nomeado secretário do grupo de ..... Suas funções consistirão:

1<sup>o</sup> Em fazer num caderno especial uma curta ata de cada sessão relatando as horas de abertura e de encerramento e os principais incidentes, tais como o número de ditados obtidos, a relação dos fatos espíritos interessando a localidade e levados ao conhecimento dos assistentes pelo chefe de grupo ou por alguns deles e outras coisas interessantes;

2<sup>o</sup> Em copiar num caderno ou registro os ditados principais, os que tiverem um interesse geral pela natureza das instruções que contiverem. O comitê designará os ditados que deverão assim ser passados a limpo. Os outros serão igualmente conservados para a eles se recorrer se necessário. Para tornar esta medida mais fácil de aplicar, cada médium deverá escrever num caderno especial que pertencerá ao grupo e permanecerá sua propriedade.

*Cada grupo se colocará sob a proteção especial de um ou de vários Espíritos escolhidos entre aqueles que se tiverem apresentado como particularmente interessados pelo seu sucesso. Para este fim um artigo poderá ser redigido como se segue:*

Art. 16. – Os membros fundadores do grupo de ..... colocam-no sob a proteção especial de ..... aos quais pedem que aceitem ser os guias espirituais de suas reuniões.

Art. 17. – As pequenas despesas, tais como o local das sessões, se for o caso, compras de livros, papel, penas, lápis, tinta, lenha, serão custeadas de maneira igual pelos membros fundadores e membros titulares, por meio de uma cotização anual fixada em ..... francos por pessoa. O excedente, caso exista no fim do ano, será dividido entre os mesmos membros, a menos que eles se entendam para lhe dar um destino particular.

Feito em ..... em .....